

**POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E AS NOVAS RURALIDADES: ESTUDO DE
RECEPÇÃO DAS PROPOSTAS DE TURISMO RURAL PELOS CANAVIEIROS DO
ENGENHO SANTA FÉ, PERNAMBUCO**

Maria Sallet Tauk SANTOS

Ana Elisabeth PEREIRA

Ceci do Eirado AMORIM

Eva DUARTE

Ricardo Duarte GOMES

(UFRPE)

Resumo: Trata de alguns pressupostos teóricos e resultados parciais de uma pesquisa empírica mais ampla, um estudo de recepção do turismo rural como uma nova ruralidade e um dos vetores do desenvolvimento local na Zona da Mata Norte de Pernambuco, uma das propostas do Governo do Estado contida no Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco (PROMATA). O cenário da pesquisa empírica é o Engenho Santa Fé, no município de Nazaré da Mata. A preocupação é analisar, no espaço da recepção, os usos que os trabalhadores dos antigos engenhos fazem da proposta governamental. Especificamente, interessa conhecer como estão se dando as transformações no cotidiano do trabalho e na vida das pessoas, a maioria das quais, canavieiros, hoje, envolvida no turismo rural.

Palavras-chave: Comunicação Rural – Recepção, Políticas De Comunicação, Novas Ruralidades, Turismo Rural

INTRODUÇÃO

Novas atividades econômicas vêm ocupando o espaço rural da Zona da Mata pernambucana que, até pouco tempo, era quase que exclusivamente agrícola. Por vários séculos foi cenário de riqueza, poder e prestígio do senhor de engenho e depois, do usineiro. A

monocultura da cana-de-açúcar avançou por seu território, o da Zona da Mata, substituindo quase toda a sua cobertura vegetal para atender às crescentes demandas do setor sucroalcooleiro.¹⁶ Esse cenário foi, gradativamente, mudando e dando sinais de esgotamento. A crise que atingiu a região em virtude dos problemas resultantes da globalização, o solo bastante acidificado, o que dificulta a mecanização e demanda maior quantidade de mão-de-obra elevando o custo da produção e perdendo competitividade frente a outras regiões. Aliado a tudo isso, a região enfrentou duas grandes secas, no período de 1992 a 1998, inviabilizando o cultivo da cana em algumas propriedades dentre elas, o Engenho Santa Fé.

Com dificuldade de retomar o plantio, muitos engenhos foram comprados ou arrendados pelas usinas¹⁷ que sobreviveram à crise. Assim, no novo desenho da Zona da Mata, hoje, verifica-se: o aumento da concentração de terras, o surgimento de pequenos e novos proprietários rurais – ex-trabalhadores da palha da cana indenizados com a terra –, o crescimento do êxodo agrícola e rural por falta de trabalho ou por incapacidade de investir na terra recebida. Algumas políticas públicas implementadas ao longo desses anos de crise não foram suficientes nem eficientes a ponto de minimizarem os problemas dela decorrentes.

Diante desse quadro, tornou-se imperioso como sugerem Graziano da Silva; Vilarinho; Dale (1998), pensar o rural para além das atividades estritamente agrícolas.¹⁸ Dessa forma, ao lado da indústria canavieira que continua liderando a economia da região, paralelamente, surgiram outras culturas, como a da acerola e a da banana; a pecuária com os seus subprodutos; a suinocultura; a criação de peixes e de aves; a criação de pólos industriais (duas indústrias instaladas e 11, em negociação); a produção do artesanato e de doces; novas opções de turismo e de lazer, como o Pesque-Pague Vale do Peixe (em Aliança) e o Pesque-Pague Santa Fé (em Nazaré da Mata).

Some-se a isso a preocupação do Governo do Estado em estabelecer políticas públicas que contemplem essas novas atividades produtivas, no meio rural pernambucano, através do

¹⁶ “A produção derivada da cana-de-açúcar constitui a principal atividade manufatureira da Mata Pernambucana, destacando-se a fabricação de produtos alimentares (açúcar e melaço), química (álcool anidro e hidratado) e bebidas (aguardentes).” (Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social do Estado, 2000, p. 7).

¹⁷ Das 14 usinas existentes na região, apenas seis continuam funcionando: Petribu (Lagoa de Itaenga), Olho D’Água (Camutanga), Santa Tereza (Goiana), Laranjeira (Vicência), São José (Igarassu), Cruangi (Timbaúba). Fonte: Entrevista concedida aos pesquisadores, no dia 14 de novembro de 2000, por Erivaldo Azevedo de Araújo, proprietário do Engenho Santa Fé.

¹⁸ Sobre a diversificação das atividades produtivas na Zona da Mata de Pernambuco, ver matérias do Jornal do Commercio: (1) CASTANHA, Cláudio. Surge uma nova ordem econômica, 7dez. 1993. Caderno Economia. (2) CASTANHA, Cláudio. Começa a diversificação, 8 dez. 1993. Caderno Economia. Ainda sobre a questão: o Plano de Ação Regional 2000-2003: orçamento participativo estadual (região de desenvolvimento Mata Norte), coordenado pela Fundação Municipal de

Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco (PROMATA), coordenado pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social do Estado (SEPLANDES). O PROMATA surge, então, com o objetivo de apontar soluções para a região e começa a ser implementado a partir de uma proposta de desenvolvimento sustentável com base local, segundo Verônica Moreira, assessora técnica da equipe de mobilização do Projeto-piloto, em entrevista concedida aos pesquisadores, no dia 11 de dezembro de 2000.

Dentre as propostas do PROMATA, a que nos interessou investigar foi a do turismo rural, pois, ao que parece, o segmento vem sendo privilegiado pela política governamental para a Zona da Mata de Pernambuco. Além disso, o estudo das políticas governamentais para mudanças no meio rural tem sido, historicamente, objeto de estudo da comunicação rural e uma preocupação permanente do Programa de Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural da UFRPE (Tauk, 1998).

A iniciativa do turismo rural em Pernambuco surgiu no início da década de 90, nos municípios de Brejão e Saloá, na região agreste do Estado, como pode ser comprovado em Graziano da Silva; Vilarinho; Dale (1998); Reguer (2000) e Zimmermann (1996). Contudo, o registro mais significativo de um desenvolvimento sistemático do turismo rural no Brasil se deu em meados da década de 80, mais precisamente no município de Lages, Santa Catarina. No agreste de Pernambuco, o turismo rural vem se desenvolvendo por força da iniciativa privada, mas na Zona da Mata o segmento está se tomando uma política pública, como veremos adiante.

Para os objetivos do presente trabalho, adotaremos a definição do economista José Graziano da Silva sobre o conceito de agroturismo, por considerá-la mais próxima do que ocorre no Engenho Santa Fé. O autor considera o agroturismo como um conjunto de atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade:

“Devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc), a partir do ‘tempo livre’ das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão de obra externa. São exemplos de atividades associadas ao

agroturismo: a fazenda-hotel, o pesque-pague, a fazenda de caça, a pousada, o restaurante típico, as vendas diretas do produtor, o artesanato, a industrialização caseira e outras atividades de lazer associadas à recuperação de um estilo de vida dos moradores do campo, como por exemplo os complexos hípicas, os leilões, as exposições agropecuárias e as festas de rodeio.”. (Graziano; Campanhola, 2000, p.67).

POLÍTICAS DE TURISMO RURAL: A PROPOSTA DO EMISSOR

As políticas públicas voltadas para o turismo na Zona da Mata, segundo a assessora do PROMATA, Verônica Moreira (2000), surgiram a partir das oficinas, realizadas nos municípios que fazem parte do Projeto-piloto (Tracunhaém, Buenos Aires, Nazaré da Mata, Vicência e Aliança, todos localizados na Zona da Mata Norte do Estado) e, posteriormente, incorporadas ao PROMATA. Sobre as oficinas, acrescentamos que, em Nazaré da Mata, por exemplo, foram realizadas 15 oficinas de sensibilização, diagnóstico e planejamento participativo, com a presença de líderes da sociedade civil, pessoal técnico da prefeitura, representantes de organizações não governamentais (ONGs) e de associações de produtores rurais e de artesãos, igrejas, bancos, escolas, agentes de saúde e diversas pessoas interessadas diretamente no processo de desenvolvimento municipal. Nas oficinas realizadas para a construção do diagnóstico participativo, o turismo e o artesanato surgiram como atividades potencialmente geradoras de emprego e de renda. Como proposta à diversificação produtiva, o turismo rural é apontado (SEPLANDES, 2000). Durante as oficinas, também se identificou que alguns proprietários de engenhos (fornecedores de cana, produtores de doces ou de outros produtos) pretendem explorar a atividade turística, trabalhando em conjunto, num sistema de consórcio.

Segundo Verônica Moreira (2000),

“O turismo, por exemplo, foi uma grande novidade porque não fazia parte das ações do programa que foi elaborado há quatro anos atrás. Não tinha o turismo como segmento que pudesse ser explorado na região, mas tinham atividades complementares e aí, quando isso surgiu deles próprios, algumas experiências como em Aliança tem o Vale do Peixe, lá no Santa Fé (em Nazaré da Mata), são experiências de fornecedores que pegaram seus engenhos e transformaram e aí se começou a vislumbrar a possibilidade de se ter o turismo como um serviço.”

O documento elaborado pelo Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID) apresenta a incorporação do turismo no componente *Apoyo a la Diversificación Económica* do PROMATA:

“El componente beneficiará a pequeños y medianos agricultores (hasta 200 ha) y microempresarios, organizados de forma individual o en grupos, dedicados a actividades agrícolas, agroindustriales, artesanales y turísticas. Se financiarían servicios de apoyo como la capacitación, asistencia técnica, y apoyo para acceso a mercados.” (BID, 2001, p. 9).

Atendendo, portanto à demanda, foi realizado, com a participação de funcionários das prefeituras e estudantes universitários da região, o Inventário do Potencial Turístico¹⁹ nos municípios de Nazaré da Mata e de Buenos Aires, e a atualização em Tracunhaém, Vicência e Aliança. A etapa seguinte foi a construção de um roteiro turístico intitulado *Engenhos e maracatus*. As informações levantadas para o inventário subsidiaram a elaboração pelos parceiros envolvidos na primeira versão desse roteiro que, ainda bruto, foi testado por representantes do Governo do Estado e das prefeituras que contaram com o apoio de futuros guias turísticos locais. Posteriormente, o roteiro foi testado, desta vez, com a presença de agentes de viagem, potenciais comercializadores desse roteiro e de outros que viessem a ser construídos.

¹⁹ Pesquisa realizada, de 1996 a 1998, em 82 municípios considerados de interesse turístico pelo Conselho Estadual de Turismo (CONTUR), Inventário da Oferta Turística 87-89, Plano Turístico do Estado de Pernambuco/77 (PLANPETUR) e Relatório de Informações Turísticas (RINTUR). O Inventário Turístico de Nazaré da Mata e de Buenos Aires e a atualização dos outros três municípios do Projeto-piloto ocorreu em 2000, sob a coordenação da Empresa de Turismo de Pernambuco S/A (EMPETUR), órgão vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Esportes do Estado.

O Engenho Poço Comprido, em Vicência, o Pesque-Pague Vale do Peixe, em Aliança, o Engenho Bonito e o Engenho e Pesque-Pague Santa Fé, em Nazaré da Mata, o artesanato de Tracunhaém, o maracatu, em Buenos Aires, foram incluídos nesse roteiro inicial²⁰.

ENGENHO SANTA FÉ: O CENÁRIO DA PESQUISA

Depois de séculos de exploração de terras e de gente, a monocultura da cana-de-açúcar na Zona da Mata Norte de Pernambuco, amarga sua maior crise. Desta vez, não foi apenas a seca que devastou as plantações, mas diversas causas passaram a concorrer para a imposição de dificuldades aparentemente insuplantáveis, a partir da década de 1990. Entre tais causas, podemos destacar: os obstáculos que o relevo da região apresenta à mecanização da produção; a distância entre centros produtores, vias de escoamento da produção e centros consumidores; a concorrência de Estados que apresentam maior produtividade nesta cultura; além do solo cansado da exploração secular que dificulta a diversificação das lavouras.

Nazaré da Mata é um dos municípios atingidos por esta crise. Localizado a 55 km do Recife, na Mesorregião da Mata Pernambucana, ou mais especificamente, na Microrregião da Mata Setentrional, tem como atividade econômica principal a agropecuária, com ênfase na agroindústria açucareira. Ressalta-se que a agropecuária emprega na região 2.275 pessoas, o que representa 26,5% dos indivíduos ocupados, a partir de 10 anos de idade, segundo o setor de atividade (FIDEM, 2000). Tudo isto mostra que não se pode perder de vista que a falência da indústria sucroalcooleira põe em xeque não apenas a economia de toda a região, mas também um modelo de trabalho e de vida adotado há séculos. Durante tanto tempo fazendo da mesma maneira – cinco a 10 safras utilizando a mesma planta, o fogo cobrindo plantações ano a ano, o facão cortando caule por caule – talvez nem a terra, nem a gente saiba fazer outra coisa.

Entretanto, as alternativas de sobrevivência colocadas a essa gente implicam uma nova forma de trabalhar, mas também de descansar; de conviver com novas paisagens e com a exigência de um novo saber-fazer. Diante disso, uma questão parece ser relevante: de que forma

²⁰Os processos de discussão das políticas de turismo rurais em Pernambuco não incluíram, entretanto, a participação dos trabalhadores canavieiros da Zona da Mata, o que nos pareceu um equívoco sem precedentes, se consideramos que essa população rural é a que sofre o maior impacto com as mudanças nas formas de produção e relações de trabalho, na medida em que são as grandes protagonistas do “*folgado*” ou do artesanato que parece agregar valor ao empreendimento turístico: o maracatu.

este modelo que se desenha como alternativa viável, mas que exige novas habilidades, pode ser implementado por uma população que ainda nem aprendeu a ler, uma vez que 36,60% dos indivíduos com 15 anos ou mais são analfabetos naquele município, conforme dados do censo de 1991, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Destinos outrora traçados do nascimento à morte: a luta na palha da cana apadrinhada pelo senhor de engenho, o esteio para o enxoval, a doença, o enterro. Nascimento, casamento, morte. Relações cortadas entre casa-grande & senzala, como os ex-trabalhadores da cultura da cana-de-açúcar, inseridos ou não nas novas formas de trabalho – as “*novas ruralidades*” – estão enxergando a mudança de ocupação, de relações tempo-espaço, de paisagem? Como a proposta de turismo rural para a Zona da Mata Norte está se concretizando no cotidiano dos trabalhadores?

A importância de se observar a prática diária do turismo rural reside no fato de que a aceitação da proposta pelos trabalhadores ligados à atividade deve apontar para o sucesso do empreendimento, para a sustentabilidade do desenvolvimento que venha a ser alcançado a partir daí, sustentabilidade que depende da inclusão dos contextos populares.

Incluídos pela ação do PROMATA, Nazaré da Mata e municípios vizinhos contam com um dos primeiros empreendimentos turísticos da região, o circuito turístico *Engenhos e maracatus*. Formado por seis propriedades rurais que já praticam outras atividades, que vão do fabrico e comercialização de doces caseiros ao cultivo de flores tropicais, o circuito também inclui a Pousada Rural Engenho Santa Fé, o lugar da pesquisa.

A fim de que o antigo engenho de cana-de-açúcar pudesse servir à atividade do turismo rural, modificações bruscas em termos de geografia física e humana tiveram de ser efetuadas.

As mudanças na paisagem não implicam simplesmente a construção de um novo espaço de trabalho, mas representam signos de uma nova forma de viver. As transformações se devem a três fatores: um primeiro, que se refere à substituição gradativa da cana-de-açúcar pelo espetáculo do reflorescimento espontâneo da Mata Atlântica, o qual deverá ser seguido pelo que o proprietário do engenho, Erivaldo Azevedo de Araújo, denomina como “*reflorestamento*” por fruteiras.

Um segundo fator se deve à transformação do engenho em equipamento de turismo, desde a instalação do pesque-pague, ocasião em que os açudes, já conhecidos na região, assumem novo uso, o da pescaria. Quando da instalação das unidades de hospedagem, antigas construções também assumem novos usos: as estrebarias tornaram-se apartamentos, a casa de purgar se

tornará, no futuro, um museu do açúcar e a casa grande é agora um restaurante. A área construída praticamente não aumentou, porém a ambientação, as formas e cores, a divisão entre cômodos e os detalhes arquitetônicos são estranhos aos ex-moradores do engenho. Daqui para frente, a tendência é a da sofisticação da pousada, a fim de atingir públicos mais exigentes, com a construção de *playground*, piscina etc.

Percebe-se além destes, um terceiro fator de mudança produzido pela expulsão dos trabalhadores do engenho enquanto lugar de moradia. Não há mais casas, nem sítios ao redor. O engenho não é mais lugar de trabalho e de vida, de encontro e de reconhecimento, de produção de identidade.

Enquanto tudo se transforma ao seu redor, a casa-grande do Engenho Santa Fé praticamente não mudou. Continua imponentemente plantada na região mais alta do terreno, assumindo a mesma função de moradia do antigo “*senhor do engenho*” e que cede o enorme terraço aos serviços do café da manhã dos hóspedes da pousada. O interior intocável reflete a permanência da casa-grande como construção e como símbolo, garantido a manutenção da posição do senhor de engenho.

Este é o cenário escolhido para se observar a recepção de uma proposta de turismo rural por uma população de trabalhadores, na sua maioria ex-canavieiros. População considerada enquanto cultura popular, nas suas relações com as exigências de uma cultura transnacional geradora, ao mesmo tempo, da oferta e da demanda por novos produtos da indústria do turismo e da cultura de massas. O que interessa avaliar são as mudanças profundas no mapa da geografia humana na região: deslocamentos do setor primário para o terciário, de uma atividade tipicamente rural para o atendimento de uma demanda basicamente urbana, de ciclos de uma outra sazonalidade que não é mais a da cultura canavieira.

CULTURA POPULAR E MEDIAÇÕES: O INTINERÁRIO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Acatar ou refutar, refuncionalizar ou reconverter as compreensões são alguns dos mecanismos de interpretação praticados pelas culturas populares no capitalismo. Não há

submissão ou resistência, mas a necessidade da cultura massiva contemporânea em se relacionar com o complexo cotidiano do mundo moderno, como explica Canclini (1983, p. 43):

“As culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia, pelos setores subalternos, através da compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições do trabalho e da vida.”

Seguindo esse princípio fundador, que compreende as culturas populares no capitalismo, as pesquisas de comunicação na América Latina perceberam uma imbricação inevitável da comunicação com a cultura, e anteviram o papel do receptor, nos estudos de recepção na América Latina, como produtor de sentidos, um lugar para repensar o processo de comunicação e não mais como mera etapa dentro do clássico ordenamento da comunicação emissor-mensagem-receptor.

Martín-Barbero (1995) acrescenta que a metodologia da pesquisa social nos estudos de recepção deve levar em conta o consumo do sujeito receptor diante da oferta dos bens simbólicos e materiais produzida pelas classes hegemônicas. Neste caminho cognitivo, também afirma que os mediadores culturais atuam como edificadores de sentido que discernem e configuram a materialidade social e a expressão da cultura via relacionamentos com o conteúdo presente nos meios de comunicação (Martín-Barbero, 1997).

Para o educador mexicano Guillermo Orozco Gómez (1997), o receptor neste percurso é um sujeito múltiplo na sociedade, imerso em uma cultura e participante de outros processos e interações. A recepção transcende e funde-se com as práticas culturais cotidianas do sujeito e a exposição ao conteúdo dos meios não é a variável determinante para a compreensão do processo receptivo. Orozco traz para o trabalho metódico, as práticas das mediações culturais elaboradas por Martín-Barbero, e indica as mediações múltiplas como sendo o instrumento para realizar um estudo de recepção na perspectiva das mediações culturais. Como explica:

“Para integrar la mediación múltiple que conforma la interacción TV-audiência, sugiero cuatro grupos de mediaciones, entendiendo, primero, que la cultura impregna a todas ellas. Y segundo que esta agrupación no es ni exhaustiva ni excluyente, sino básicamente analítica, lo cual permitiría agrupaciones sucesivas distintas. Entonces los

tipos de mediación propuestos serían: la mediación individual, la situacional, la institucional y el vídeo tecnológica.” (Gómez, 1996, p. 84-85).

As mediações culturais e múltiplas não se configuram num modelo pronto, encerrando-se como uma estratégia teórico-metodológica padrão às pesquisas em comunicação no Brasil. A experiência do CMARCR/UFRPE nos estudos de recepção, na perspectiva mediações culturais tem mostrado que as pesquisas de contexto popular não somente limitam-se aos processos ligados às mídias ou unicamente à ambiência do rural. Tauk Santos fundou uma nova dinâmica de estudos de recepção, ao aferir que a existência de um contrato de comunicação estabelecido entre o emissor e o receptor já constitui condição suficiente para tornar possível um estudo de recepção. Além disso, a autora investigou que são as circunstâncias do objeto que oferecem as pistas para que o pesquisador capte a mediação “*por excelência*”, no processo de comunicação (Tauk Santos; Nascimento, 1999).

Neste sentido, em relação aos trabalhadores dos antigos engenhos e sua relação com as novas formas de produção no meio rural, o objeto em estudo sinalizou para as seguintes mediações por excelência: o trabalho, devido à profundidade das mudanças que se promovem no cotidiano dos ex-trabalhadores da palha da cana; o uso do tempo livre, como reflexo da nova atividade e onde encontramos o maracatu rural como prática identitária; e as aspirações para o futuro, pois é neste espaço, onde se dá o conflito entre a permanência da antiga atividade como agricultor e a incorporação das propostas governamentais do turismo rural. Além disso, o gênero e a idade se mostraram mediações que pautam a forma como trabalham ou se envolvem no novo processo produtivo.

A pesquisa

A pesquisa na Pousada Rural de Nazaré da Mata é um estudo de caso que tem como referencial teórico-metodológico os estudos de recepção da América Latina, sob o modelo em construção das mediações culturais, desenvolvido pelos pesquisadores Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez e Néstor García Canclini e as referências teóricas para se compreender a comunicação rural e desenvolvimento local desenvolvidas pelos professores Maria Sallet Tauk Santos e Angelo Brás Fernandes Callou. Utilizamos técnicas combinadas de

coleta de dados: observação direta com o uso do diário de campo; técnicas etnográficas de observação; uso de roteiro de entrevista semi-estruturada e pequena história oral.

A unidade da pesquisa foi a família dos funcionários do Engenho Santa Fé, em amostragem aleatória. Selecionamos cinco famílias de funcionários, que representam 30% da população de empregados da Pousada Rural.

TRABALHO E COTIDIANO: PRESENTE E FUTURO

O cotidiano dos trabalhadores envolvidos com o pesque-pague nos ajuda a entender como a proposta de turismo rural está sendo encarada pela população. No passado, na época em que no engenho se plantava cana-de-açúcar, a população de trabalhadores morava nas casas do engenho, não pagava aluguel e podia plantar um roçado para a família e para vender na feira. Antônio Joaquim do Nascimento, o Mestre Pacheco, pertencente ao Maracatu Leão Formoso, de Nazaré da Mata, nos fala deste dia-a-dia na época da cana, em entrevista concedida, no dia 14 de novembro de 2000:

“Tinha uma casa pra morar e um sítio pra eu trabalhar, pra plantar roça, milho, feijão, fava, algodão, plantava isso tudo e criava (...) no caso eu fazia farinha e vendia a mandioca no caminhão (...) minha mulher trabalhava demais, trabalhava mesmo igualmente a mim. Eu saía pra trabalhar aqui e ela ficava em casa trabalhando...”

Antigamente, as mulheres não costumavam trabalhar no corte da cana. Ficavam em casa cuidando das crianças, do almoço e da roça. Hoje, já encontramos no pesque-pague atividades desenvolvidas por mulheres. Além disso, o ambiente que valoriza outras atividades produtivas, como a cultura e o artesanato também abrem espaço para o trabalho feminino. Mestre Pacheco nos conta das atividades de sua filha que costura golas para o Maracatu: *“Eu tenho uma filha mesmo que faz bandeira, faz gola, faz vestido de baiana, tudo de maracatu ela faz.”*

Ao deixarem as casas do engenho, os ex-trabalhadores da cana foram morar nas cidades. Lá, as mulheres também procuraram se integrar e realizar outras atividades. José Firmino da Silva, o Seu Doca, funcionário da Pousada Rural Engenho Santa Fé, em entrevista gravada no dia

14 de novembro de 2000, nos conta de sua esposa, que hoje vende roupa na feira da cidade: *“Hoje ela não vem por causa da feira ou quando tá sem dinheiro... Ela vende roupa.”*

A possibilidade de poder cultivar um roçado e vender as coisas na feira teve seu fim quando, com a seca e o conseqüente declínio da produção, os trabalhadores foram demitidos e obrigados a deixarem as casas. Essa é uma das questões que os trabalhadores sentem falta quando comparam o período anterior do atual. Além disto, os trabalhadores do engenho se sentiam apadrinhados e protegidos pelo Senhor de engenho, que resolvia questões de doença e amparava na morte. Referindo-se ao senhor de engenho, Seu Doca nos conta como era no passado: *“Servia o camarada, aí quando era naquele fim de ano o camarada chegava do roçado que o cara pagava a ele. Quando precisava de outro ele servia, assim levando a vida. Quando morria, ele fazia o enterro. Adoezia, ele socorria.”*

Outra vantagem de que sentem falta é o salário, que podia, ocasionalmente, aumentar quando trabalhavam também por produção. No depoimento do Seu Doca percebemos que ele sente falta dessa possibilidade que deixou de existir. Hoje, alguns trabalhadores possuem salário fixo, como é o caso dele, e outros, recebem por dia de trabalho: *“Com a cana, ganhava o mesmo salário que é o atual, mas a gente podia fazer produção e, às vezes, até no mesmo dia, podia fazer um, dois, três e aqui só pode fazer um salário.”*

TEMPO LIVRE : ENTRE A TV E O MARACATU

A partir das mudanças relativas à atividade produtiva nas quais estão envolvidos os ex-trabalhadores da palha da cana, mudam também as relações dos trabalhadores agora ligados ao turismo rural com o tempo livre e a forma de desfrutá-lo. Tempos que eram administrados mais livremente, quando havia tarefas a cumprir, mas não um relógio a respeitar; tempos que eram revertidos para o plantio de alimentos na horta particular e para abrilhantar as brincadeiras vividas pelos canavieiros. Tempos livres, é o que indica a fala de Seu Doca: *“Mas no que eu olho para trás, naquele tempo a gente trabalhava de manhã até meio-dia, se quisesse ia pra casa, se não quisesse não ia, mas agora eu sou obrigado a trabalhar o dia todo.”*

As rotinas mudaram. Os dias de trabalho já não são os mesmos para todos os funcionários da Pousada Rural Santa Fé: uns lidam com a manutenção dos equipamentos, enquanto outros

trabalham diretamente com os hóspedes; uns trabalham nos dias úteis, outros nos finais de semana. Segundo entrevista concedida aos pesquisadores, no dia 14 de novembro de 2000, por Erivaldo Azevedo de Araújo, proprietário do Engenho Santa Fé, a resistência apresentada pelos antigos trabalhadores da palha da cana à mudança de atividade se refere, em grande medida, à introdução de um horário fixo que deve ser cumprido nas dependências do antigo engenho, mesmo que haja pouco trabalho a ser feito e as tarefas sejam relativamente mais leves: “[eles] se acostumaram a trabalhar quatro horas. Por isso eles têm a resistência de querer mudar de atividade.”

O processo de modernização da Zona da Mata pernambucana remonta a três gerações, o que se percebe, claramente, pelas mudanças em termos do lugar de moradia, de produtos de consumo diário – incluindo alimentos e produtos de limpeza –, objetos utilitários e de decoração, vestuário, cosméticos etc., adquiridos em grande parte em (super)mercados. Os meios de comunicação de massa, com ênfase na televisão e no rádio, fazem parte de suas rotinas, mesmo que o acesso aos aparelhos ainda implique sacrifício diário, longos deslocamentos de suas residências. É o caso da caminhada que Célia Helena e seus filhos enfrentavam todos os dias para ver a novela *Chiquititas* e o programa de auditório do “*Ratinho*”, ambos transmitidos pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). São 20 minutos para ir e 20 para voltar, conforme entrevista concedida aos pesquisadores, por Célia Helena da Silva, moradora remanescente do Engenho Santa Fé, no dia 14 de novembro de 2000: “Assisto na rua (...) A rua de Nazaré (...) Vou todo dia...” Rua, neste caso, significa o centro da cidade de Nazaré da Mata. A televisão que a família assiste fica na casa de uma senhora, onde outras pessoas também devem assistir a esses programas. Célia não assiste aos telejornais: “Pergunto ao pessoal que fica assistindo, porque fica tarde, não é? Eu tenho que vir embora.” Seu tempo de voltar para casa é marcado pelos horários da televisão, entretanto, a hora de voltar é somente “depois que termina *Ratinho*.”

Os jogos de futebol transmitidos pela televisão parecem ser bastante apreciados, sendo citados por Seu Doca e por “*Trezentos*”, como um dos programas preferidos. Já para Aluísio, filho de Célia e de “*Trezentos*”, que nunca trabalhou na palha da cana, o futebol é uma forma de ver, viver e amenizar a dureza da vida. Seu discurso de acomodação contradiz sua forma de colorir o corpo e a casa, suas lentes alviverdes de encarar a vida. O rapaz tem 20 anos e torce pelo Palmeiras Futebol Clube desde os 10, quando viu o time jogando na televisão. Dizeres e cores-

temas do time cobrem a fachada e enfeitam paredes da sala da casa, cobrem o corpo do rapaz sob a forma de shorts, camiseta, anel e chuteiras, que comprou na feira de Nazaré.

Aluísio da Silva trabalha na pousada apenas aos sábados e domingos, período no qual é intenso o movimento em Santa Fé, ganhando R\$25,00 por semana, quantia que, dificilmente, conseguiria na região, trabalhando somente oito dias por mês. Os outros dias, ele os dedica a “jogar bola, andar a cavalo”, conforme suas próprias palavras, em entrevista concedida, no dia 14 de novembro de 2000. Sua vida é o futebol, como se vivesse uma vida paralela de jogador profissional, Aluísio treina todos os dias. Da pousada, entretanto, ele tira o seu sustento.

A televisão, que a família de Célia Helena usa para o lazer e o entretenimento, o proprietário do Santa Fé utiliza como fonte de informação para incrementar o seu negócio. Foi graças aos programas de TV, que surgiu a idéia e parte do domínio das técnicas do pesque-pague, conforme depoimento de Erivaldo Azevedo de Araújo, o proprietário:

“Aí, isso aí na televisão você via sempre em São Paulo, no sul do país eu andei e vi muito disso, era comum essa atividade [o pesque-pague] em Minas Gerais e São Paulo. Aqui é que ela não apresentava início nenhum ainda. (...) eu gosto de ver a TV Cultura, esses negócio. Aí é que você vê muito essas coisas nesses canais – Cultura, TV Mulher –, esses canais que não são tão convencionais como a Globo e outras coisas, é que você tinha algum acesso para você ver alguma coisa diferente. Aí, aparecia, por exemplo, aquele TV Mulher todo domingo às 5 horas da tarde tinha um programa relacionado com pesque-pague, pescaria, aí são programas diferentes você vendo as coisas.”

Com a nova atividade, a rotina do proprietário do engenho também se modifica. Impedido de delegar tarefas a administradores ou capatazes, e tendo que se ocupar pessoalmente da nova atividade, o proprietário da Pousada Rural Santa Fé, Erivaldo A. de Araújo, declara:

“A atividade da cana não requeria muito a sua presença. Você com a atividade da cana, o proprietário, relativamente não dava essa assistência toda que tem que dar a um tipo de empreendimento como esse. A mudança é muito grande em relação a isso. Aqui você requer uma fiscalização permanente por causa da qualidade de serviço, você tem que tá olhando a cozinha, tem que tá olhando. Você tem que tá sempre presente.

(...) Você tem que tá acordado de 6 horas da manhã, que é pra ver como sai o café, essas coisa toda, compreende. A mudança é essa...”

Tempo de folga agora é coisa rara, ele continua: “Às vezes, eu ‘tou’ pra tirar dois dias de folga aqui faz três anos e não consigo...”

O fato é que a nova situação de sol e chuva, de cotidianos marcados por momentos invertidos de folga, vivida pelos antigos canavieiros que exercem diversas atividades num mesmo empreendimento, vem alterando a forma de brincar o maracatu rural, uma das mais importantes manifestações da cultura popular da Zona da Mata Pernambucana. Mestre Pacheco, fundador do Maracatu Leão Formoso de Nazaré da Mata, há mais de 20 anos, relata a forma espontânea de criação dos maracatus e de como aconteciam os ensaios depois do trabalho no canavial:

“Aí ficava o pessoal trabalhando, quando era boca da noite, para aqueles que terminavam o serviço primeiro, ficava por ali esperando o companheiro para ir para casa, aí saltava um e dizia assim: ‘Eu, vou fazer um maracatu, eu sou o mestre’. Aí aparecia mais cinco, dizia: ‘Eu bato tarol’. O outro dizia: ‘Eu bato bombo’. Outro dizia: ‘Eu bato gonguê’. Outro dizia: ‘Eu balanço o mineiro’. O outro: ‘Eu puxo a porca’, que é a cuíca. Aí, naquilo formava o maracatu. Aí vinha eu, com quatro ou cinco companheiros, dizia: ‘Eu faço uma arrumação e vou brincar de caboclo’. Fazer um maracatu com dez ou doze pessoas era grande e aí quando era domingo de carnaval saía o pessoal para brincar. De casa em casa. Cantando aquelas loa e o povo achando bonito e brincando e pagando aquela passagem que ele fazia ali e por ali continuava o maracatu. Tudo nos engenhos, no campo.”

As transformações econômicas em andamento naquela região, implementadas a partir da falência da produção sucroalcooleira, refletem uma característica das culturas populares em tempo de expansão capitalista, como explica Canclini (1988, p. 58), ao não poder ser incluídos em sua completude, “esses setores satisfazem suas necessidades de forma mínima e fazem sua cultura mediante uma elaboração própria de suas condições imediatas de vida.” Assim, as manifestações dessas culturas aparecem como forma de sobrevivência: o maracatu rural, como

esforço de afirmação da identidade cultural de uma comunidade. Manifestação identitária que une um grupo de indivíduos entre si, ao mesmo tempo em que o diferencia de outros grupos.

Entretanto, com a mudança no trabalho produtivo, a tendência a que a brincadeira se modifique em forma e significado é grande. Mestre Pacheco já se queixa da dificuldade enfrentada para marcar um ensaio de maracatu rural, hoje em dia. Antigamente, todo o pessoal trabalhava nos mesmos dias e horários, fazendo coincidirem os tempos livres. Os ensaios eram realizados geralmente *“no sábado à noite e no domingo à tarde.”* Fica, portanto, difícil para o Mestre Pacheco, que trabalha de segunda a sexta-feira, de manhã à noite, marcar um ensaio com o brincante Aluísio, que trabalha sábado e domingo como funcionário do pesque-pague instalado na mesma propriedade, conforme suas palavras textuais: *“Já se ensaiou muito. Hoje, a dificuldade tá muito grande para se dar um ensaio. Às vezes, se dá um ensaio de barraca somente, como se trata a história (...). O mestre só, cantando e povo brincando (...) não fantasiado [mas] como nós tá aqui...”*

Se a casa-grande ainda é o símbolo das relações patrão-empregado no engenho tomado pousada rural, a força do maracatu rural, enquanto prática identitária, é inegável. Hoje, se as condições de trabalho separam Mestre Pacheco e Aluísio, o maracatu rural ainda é o que os aproxima, o que os identifica.

ASPIRAÇÕES PARA O FUTURO : PERMANÊNCIA OU PROVISORIEDADE

Uma das mudanças mais fortes que aconteceu com o fim da produção canavieira e o início de um novo modo de produção foram as mudanças nas relações com o tempo. Existe, a partir da questão do tempo, um desencontro entre os trabalhadores. Não trocam experiências, não contam histórias, não se articulam, para participarem ativamente das mudanças que estão ocorrendo, e conseqüentemente, lutar por melhorias no trabalho. No período anterior, os trabalhadores possuíam um sindicato, o que lhes garantiu algumas conquistas. Nas atividades turísticas, ainda não possuem sindicato e não costumam discutir sobre as condições de trabalho, como revela Seu Doca: *“Sindicato hoje acabou-se, sindicato hoje tá em nada (...) sindicato vivia em função da cana, acabou a cana ele foi por tabela. Vai ser difícil ressurgir muito porque a cana tá faltando (...), porque a força do sindicato é o povo e o povo agora em engenho é muito pouco agora, né.”*

As aspirações para o futuro estão muito associadas à capacidade de se integrar ou não às novas atividades, de enxergar possibilidades de crescimento futuro e ao sentimento de permanência ou provisoriedade das condições atuais do trabalho.

Aluísio trabalha no pesque-pague, mas diferente do pai não tem trabalho fixo. Vai apenas no fim de semana. Faz parte de um geração que não conheceu o auge da produção canavieira, como a maioria dos trabalhadores mais velhos. Conheceu apenas o declínio e o desemprego gerado pela cana. Sendo assim, aceita com facilidade o trabalho no fim de semana, acredita na novidade, e enquanto sua mãe se prepara para deixar o engenho e migrar para outra cidade, Aluísio prefere ficar, conforme seu depoimento: *“Eu não tenho vontade de sair não (...). Eu vou com ela agora quero continuar trabalhando aqui.”*

Os trabalhadores mais antigos percebem as perdas, mas têm dificuldade em compreender os ganhos que podem vir a ter com o trabalho turístico. Assim como Aluísio, Cristina também faz parte da geração que não viveu a época de ascensão da cana. Cristina, auxiliar administrativo da pousada e pesque-pague, não tem sua história ligada ao corte de cana. Conhecia o engenho pelos passeios que fazia por perto. Quando percebeu que seria aberto o pesque-pague, pediu emprego, e, hoje, já deixou de ser recepcionista, passando para um cargo na administração: *“Bem, olhe, quando eu cheguei aqui eu comecei como recepcionista, eu trabalhava na portaria, recebia o pessoal, explicava tudinho (...) Eu sou muito prática, muito habilidosa. Num instante, eu pego o manejo.”*

Cristina possui uma auto-estima que os outros trabalhadores desconhecem. Não conheceu de perto o sofrimento de quem viu a cana morrer, por isso, para ela, é mais fácil se integrar a um novo modelo de produção.

O desejo que o turismo rural dê certo e que se torne o foi condutor de uma nova história para a região depende muito das aspirações que cada um alimenta para o futuro. Seu Doca que foi filho de canavieiros diz: *“Porque sempre era melhor, tinha mais movimento, tinha mais futuro e agora.”*

Aqueles que estão mais velhos e que consideram o corte da cana como o único e melhor meio de trabalho e de vida, não se entregam ao trabalho nem ao processo. Estão apenas esperando o tempo passar. Por outro lado, os mais jovens, que conheceram apenas o período de

declínio, e que nunca trabalharam no corte de cana, estão mais esperançosos e acreditam que o turismo possa gerar emprego e dias melhores para eles.

O fato de não possuir as origens ligadas à cana permite que Cristina aceite facilmente as mudanças. Ela incorpora o discurso do proprietário quando defende a necessidade de investimento do Governo: *“E tem dificuldade porque a gente não tem apoio assim da prefeitura, não tem apoio porque tudo aqui sai do bolso do dono.”* Ela vê na nova atividade de turismo uma possibilidade de melhoria profissional, o trabalhador antigo do engenho não consegue se integrar a nova opção produtiva, as palavras do Mestre Pacheco podem ilustrar esta questão: *“Eu espero a coisa ficar pior do que está. Eu não esperava a cana ficar aquilo que chegou até acabar, e acabou-se. Agora daqui pra frente pra substituir a cana é esse negocinho e esse não dá futuro que a cana dá de maneira nenhuma.”*

A fala de Mestre Pacheco também ilustra o fato de que as pessoas mais velhas não vêem futuro naquilo. Portanto, não se envolvem. A sensação de provisoriedade diante do novo impedem que invistam no turismo. Não acreditam, não lutam para que ele aconteça. Seu Doca nos fala:

“Porque quando o camarada trabalha tem, se ele não trabalha nada tem. Porque enquanto o camarada vai no roçado e vê o roçado completo de lavoura ele sabe que vai Ter futuro, e ele olha e vê o mato somente, ele sabe que não tem futuro. Isso aqui é uma coisa, hoje tem mas amanhã não tem.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A julgar pelas evidências empíricas no cotidiano de Santa Fé, percebe-se que muita coisa mudou na produção, no serviço, no cenário, na rotina do trabalho e no tempo de folga dos trabalhadores. Nas relações de trabalho, entretanto, pouca coisa mudou. A pousada substituiu a casa grande do engenho e a “senzala” ficou vazia. Ainda é muito cedo para sabermos se a experiência de turismo rural estimulada pelo PROMATA, em Santa Fé, possibilitará a autopromoção dos trabalhadores ex-canavieiros. Por enquanto, o fim da cumplicidade da casa grande e da “senzala” dá-se mais pela via da expropriação dos trabalhadores das suas casas, com

pedaços de chão para plantar, e da liberdade do uso do tempo, do que pela perspectiva de construir a auto-sustentação.

Enquanto permanece em compasso de espera por melhores oportunidades, Seu Doca filosofa: “*de repente a vida é esperança*”.

REFERÊNCIAS

- BANCO Interamericano do Desenvolvimento (BID). ***Perfil-II do PROMATA***. Washington, 2001.
- CANCLINI, Néstor García. Cultura transnacional y culturas populares: bases teórico-metodológicas para la investigación. In: CANCLINI, Néstor García; RONCAGLIOLO, R. ***Cultura transnacional y culturas populares***. Lima: IPAL, 1988. p. 19-76.
- _____. ***As culturas populares no capitalismo***. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASTANHA, C. Começa a diversificação. ***Jornal do Commercio***, Recife, 8 dez. 1993. Caderno Economia.
- _____. Surge uma nova ordem econômica. ***Jornal do Commercio***, Recife, 7 dez. 1993. Caderno Economia.
- EMBRATUR. ***Manual operacional do turismo rural***. Brasília: Ed. Ideal, 1994.
- FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE PERNAMBUCO (FIDEM). ***Plano de ação regional 2000-2003: orçamento participativo estadual – região de desenvolvimento Mata Norte***. Recife: [2000].
- GÓMEZ, G. O. ***La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa***. México: INDEC, 1997.
- _____. ***Televisión e audiencias***: un enfoque cualitativo. Madrid: Ed. de La Torre, 1996.
- GRAZIANO DA SILVA, J.; CAMPANHOLA, C. Diretrizes de políticas públicas para o novo rural brasileiro: incorporando a noção de desenvolvimento local. In: _____. ***O novo rural brasileiro: políticas públicas***. Jaguariúna/SP: EMBRAPA/Meio Ambiente, 2000. v. 4.
- GRAZIANO DA SILVA, J.; VILARINHO, C.; DALE, P. J. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J. A.; FROEHLICH, J. M.; RIEDL, M. (Org.). ***Turismo rural e desenvolvimento sustentável***. Santa Maria: UFSM, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. M. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. de. ***Sujeito, o lado oculto do receptor***. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. ***Dos meios às mediações***: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

REGUER, América. Turismo rural: uma saída? In: _____. ***Direção empresarial***. Recife: SEBRAE, 2000.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO ESTADO (SEPLANDES). Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco – Projeto BID/BR-0246. ***Resumo executivo***. Recife, 2000.

_____. ***Município de Nazaré da Mata***: Plano de Investimento Municipal. Recife, 2000.

TAUK SANTOS, M. S. ***Políticas de comunicação rural nos anos 90***. Recife: Imprensa Universitária, 1998.

TAUK SANTOS, M. S.; CALLOU, A. B. F. Desafios da comunicação rural em tempo de desenvolvimento local. ***Signo***, João Pessoa, n. 3, 1995.

TAUK SANTOS, M. S.; NASCIMENTO, M. R. ***Desvendando o mapa noturno***: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. Rio de Janeiro: INTERCOM, 1999.

ZIMMERMANN, A. ***Turismo rural***: um modelo brasileiro. Florianópolis: Ed. Autor, 1996.

ENTREVISTAS

ARAÚJO, Erivaldo Azevedo de. [***Entrevista***]. Entrevista concedida aos pesquisadores por Erivaldo Azevedo de Araújo, proprietário do Engenho Santa Fé, 14 nov. 2000.

MOREIRA, Verônica. [***Entrevista***]. Entrevista concedida aos pesquisadores por Verônica Moreira, assessora técnica da equipe de mobilização do Projeto-piloto, 11 dez. 2000.

NASCIMENTO, Antônio Joaquim do Nascimento. [***Entrevista***]. Entrevista concedida aos pesquisadores por Antônio Joaquim do Nascimento, o Mestre Pacheco, do Maracatu Leão Formoso de Nazaré da Mata, 14 nov. 2000.

SILVA, Aluísio da. [***Entrevista***]. Entrevista concedida aos pesquisadores por Aluísio da Silva, funcionário do pesque-pague e morador remanescente do Engenho Santa Fé, 14 nov. 2000.

SILVA, Célia Helena da. [*Entrevista*]. Entrevista concedida aos pesquisadores por Célia Helena da Silva, moradora remanescente do Engenho Santa Fé, 14 nov. 2000.

SILVA, Cristina Vieira da. [*Entrevista*]. Entrevista concedida aos pesquisadores por Cristina Vieira da Silva, gerente administrativa da Pousada Rural Engenho Santa Fé, 14 nov. 2000.

SILVA, José Firmino da. [*Entrevista*]. Entrevista concedida aos pesquisadores por José Firmino da Silva, o Seu Doca, funcionário da Pousada Rural Engenho Santa Fé, 14 nov. 2000.